

# A formação do economista e o mercado de trabalho

DOMINGOS JUNIOR\*

Segundo Keynes, o economista deve ter formação com rico embasamento histórico e humanista, além de base matemática sólida. Poucas profissões exigem cateceletismo intelectual, fazendo das Ciências Econômicas um curso complexo.

É fundamental que o curso de Ciências Econômicas faça a ponte entre o abstrato e o concreto, utilizando a Economia Aplicada, raciocinando com modelos. A ligação com a realidade deve ser feita durante todo o curso. É aconselhável, por exemplo, apresentar o balanço de pagamentos do Brasil logo após discutir a elaboração das contas nacionais; após apresentar a Teoria Quantitativa da Moeda, discutir o Orçamento da União e sua execução ao longo do ano, por meio dos relatórios do Banco Central; apresentar as pesquisas de emprego do DIEESE e IBGE. Em suma: dar o modelo, a teoria e mostrar sua aplicação, pois o generalista deve ter o instrumental e verificar a sua manifestação na realidade.

É indispensável para o estudante de Economia o conhecimento dos principais indicadores econômicos e sociais - inflação, renda, emprego, qualidade de vida, produtividade. Ele deve ter a visão crítica do país em relação ao mundo, no Mercosul e aos países desenvolvidos e em desenvolvimento. Deve conhecer o paradigma dominante no país e no mundo - o Neoliberalismo. Deve entendê-lo para estar apto a criticá-lo ou apoiá-lo. É fundamental o domínio do instrumental matemático, hoje coberto adequadamente somente nas escolas que privilegiam a visão neoclássica. A matemática é uma linguagem internacional, não só da Economia, mas de todo o conhecimento humano.

Pedro Fonseca, da UFRGS, assinou em palestra que é inadmissível que para o economista o custo seja só marginal, ignorando a estrutura de custos que determina o preço de uma mercadoria. Embora o nosso curso deva ser generalista, tem de estar preocupado com as especificidades locais. A PUC-SP, por exemplo, tem muito clara a sua linha: é uma escola com ênfase na Economia Política e na Macroeconomia Keynesiana. Já no Instituto Toledo, de Presidente Prudente, acompanha a especialidade da economia local: o agrobusiness, apresentado excelentes resultados. O CORECON-RS está fazendo experiência na especialização em Mercosul. Da mesma forma, os Estados com grande potencial de turismo, como os do Nordeste, devem também adequar seus currículos para esta especificidade, a fim de estudar o setor terciário dentro do seu enfoque local.

A discussão centra-se na atualização do currículo introduzido pela célebre Resolução 11/84 do extinto CFE. Este currículo teve o mérito de uniformizar a base mínima da formação profissional. Não obstante, sofre de séria anomalia congênita ao não estabelecer a proporção adequada entre o doutrinário e o operacional. O bacharel torna-se, muitas vezes, com heterosas exceções, um "expert" em teorias mortas, desconhecendo os aspectos pragmáticos de sua profissão. Especializa-se a enésima potência, na teoria da mais-valia, sendo incapaz de qualquer desempenho prático envolvendo a formação de preços ou análise de custos, por exemplo. É incapaz de ler um balanço alegando tratar-se do "métier" do contador. Perde um tempo enorme com

velhas cantilenas ideológicas sobre os mercados e nada entende de marketing ou de planejamento estratégico. Por incrível que pareça, face às consequências que tal pode lhe acarretar, é incapaz de mais elementar análise da conjuntura econômica corrente, perdido que está nos meandros filosóficos. E vai daí afora, premiando a ideologia e desprezando as atividades operacionais, em contrário a premissa básica da economia de otimização dos recursos.

A questão não é de fácil equacionamento. A grade curricular, estabelecida pela Res. 11/84, é a primeira vista bastante apropriada. O problema não é somente de estruturação. É de enfoque e de perspectivas. A grade precisa ser simplificada em alguns aspectos, redimensionadas em outros e, principalmente, adequada à dinâmica de um mundo em rápida evolução, em que a globalização é apenas uma das realidades presentes. O economista, assim como o administrador e o contador, precisa estar voltado a realidade, gerando resultados, agregando valor, adequando alternativas e proporcionando soluções. Para tanto, a par da manutenção das matérias consagradas e da eliminação do entulho ideológico das mesmas, novas disciplinas deverão ser corajosamente incorporadas ao currículo do curso, possibilitando o exercício pleno da profissão. Se não quisermos ficar relegados a condição de meros "teóricos", providências precisam ser tomadas enquanto é tempo.

Estes parágrafos acima citados foram colhidos no XVI Simpósio Nacional dos Conselhos de Economia, em setembro de 1997 e mostra a preocupação dos CORECON's com o ensino de economia face as mudanças que estão ocorrendo em todo o mundo decorrentes da globalização.

A partir do 2º semestre de 1998 será implantado um novo currículo no curso de Ciências Econômicas da UFPI, elaborado através de longas discussões entre os integrantes do corpo docente. Esperamos que o mesmo possa atender às mudanças que estão ocorrendo no mundo, no Brasil e principalmente no Estado do Piauí. É importante que se defina qual é a especialidade do Curso de Ciências Econômicas da UFPI? Esperamos que este novo currículo venha a dar esta especialidade.

É visível que os alunos de economia da UFPI estão descontentes com o curso. Portanto, é necessário que este novo currículo motive os alunos, professores e os funcionários do Departamento de Economia. É importante também que os professores façam uma reavaliação da sua metodologia de ensino e, juntamente com este novo currículo, possam dar aos alunos uma formação mais adequada e à própria sociedade piauiense profissionais mais qualificados e capacitados para que juntos possam ajudar no desenvolvimento social e econômico do nosso Estado.

O Centro Acadêmico de Economia da UFPI está preocupado com os rumos do ensino das Ciências Econômicas, pois o curso se apresenta muito teórico, não mostrado o lado prático da economia em funcionamento. É com base nesta realidade que o CA se uniu ao Departamento de Ciências Econômicas, à Coordenação do Curso e ao Conselho Regional de Economia (Seção PI) para discutir e debater os problemas do ensino de economia. O CAECO está fazendo a sua parte implantando em agosto deste ano o

Núcleo de Pesquisas Econômicas (NPE), que irá calcular uma cesta básica voltada para as necessidades nutricionais e culturais dos habitantes da cidade de Teresina e realizar pesquisas de mercado para empresas públicas e privadas. Em Setembro de 98 será implantado a Consultoria Econômica Júnior.

Além da implantação deste lado prático do curso, o CAECO está realizando debates para aumentar o senso crítico dos alunos (a meta será de dois debates mensais), convênios com outras universidades, faculdades, órgãos governamentais e não-governamentais para receber publicações e livros, aumentando o seu acervo bibliográfico com publicações mais atualizadas (é importante destacar a parceria com o Departamento de Economia e com CORECON).

Estamos realizando convênios com empresas especializadas para o ensino de informática aos alunos do curso, já que a grande curricular não oferece nenhuma disciplina de processamento de dados. Estamos conectados na Internet para aquisição de materiais de estudo para os alunos (por enquanto, está sendo utilizado um computador particular, mas estamos trabalhando para que em breve o endereço seja instalado na sala de banco de dados do departamento de Economia).

Em fase final de editoração está o jornal do CA, que terá a periodicidade trimestral e será um espaço para a publicação de artigos dos alunos. Por fim, está em fase de implantação o banco de dados dos alunos, contendo diversas informações e dados sobre o corpo discente: pessoais, de trabalho, perspectivas futuras e histórico de disciplinas cursadas.

Temos como proposta para uma nova gestão fortalecer os projetos já em andamento também aumentar as parcerias realizadas. Fimar convênio com o Departamento de Letras para o ensino das línguas inglesa e espanhola. Lançamento de um livro com publicações de artigos e monografias dos alunos de Ciências Econômicas da UFPI.

E também Realizar a I Semana Cultural do CAECO com vários debates, palestras e grupos de estudo sobre a Economia local, nacional e internacional; competições esportivas e festas. E, por fim, trabalhar para que possamos melhorar a infra-estrutura das salas de aula.

É importante salientar que está sendo fundamental o apoio do Departamento e da Coordenação de Economia, do CORECON e, principalmente, dos alunos. E esperamos que com a introdução do novo currículo mais as propostas que estão em andamento e as outras que virão no futuro próximo, possamos contribuir para que os futuros profissionais de economia ajudem a fazer um Estado mais justo e com uma maior capacidade de crescimento econômico e desenvolvimento socio-cultural para toda a sociedade piauiense. ●

DOMINGOS JUNIOR é aluno do curso de Ciências Econômicas/UFPI, Secretário de Pesquisa e Extensão do CAECO/UFPI e Coordenador Geral do NPE.